

# O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, DEZEMBRO/20165 - ANO XX - Nº 239

## EDITORIAL

O país passa por momentos turbulentos nesses dias que antecedem o Natal. O clima na capital federal tem estado bastante tenso nas últimas semanas. A crise político-econômica instalada parece estar longe de ser solucionada. Os Três Poderes da República não se entendem, o que agrava a situação de nossa frágil democracia. A recessão econômica deverá continuar produzindo efeitos negativos como desemprego e queda de arrecadação. Apesar de o momento ser preocupante e notícias negativas permearem os noticiários, é sempre bom chegar ao final de mais um ano renovando nossas esperanças por dias melhores.

É Natal! A comemoração natalina tem forte associação com luzes e é essa luminosidade que expulsa a escuridão e afugenta as sombras da violência, pois a chegada do Menino Jesus exprime, acima de tudo, o compromisso do amor ao próximo e o pacto pela paz.

Na contramão desse momento se encontram nossos homens públicos que, gananciosos, vêm, nos últimos anos, se imiscuindo em todo tipo de roubalheira e corrupção. A crise provocada por nossas autoridades expõe a falta de ética e de moral de nossos parlamentares que, encastelados em seus cargos, trabalham contra os cidadãos de bem que sonham um país justo e igualitário. O espírito do Natal não combina com a hipocrisia vivida em Brasília, e tanto é assim, que Cristo a combateu em suas pregações.

É coerente com a data, portanto, que haja sinceridade nas reflexões feitas nesses dias de celebração que antecedem a chegada do Salvador. Não se ama o próximo sem gestos e atitudes nesse sentido. Não se ama o próximo sem o compromisso de proteção aos fracos, como fez Cristo, que os chamou de bem-aventurados. O espírito natalino estimula sentimentos generosos nos corações das pessoas e isso precisa ser aproveitado pelos governantes para o cumprimento de uma agenda de trabalho que diminua as desigualdades sociais. Todos podem fazer alguma coisa que some pontos para o fortalecimento de um pacto social. Todos podem se empenhar para que esta data seja vivida em seu sentido mais verdadeiro, com harmonia, paz e solidariedade.

Que as luzes do Natal iluminem nossos governantes e que, apesar de tudo, tenhamos um Ano Novo de prosperidade e paz social. É Natal! Tempo de renovar as esperanças!



Que, ao celebrarmos o Natal, possamos experimentar em nossa família a presença do Jesus Menino. Aproveitemos todos os momentos de convivência com os familiares, exercitando a compreensão, o perdão e a fraternidade para com todos.

## Natal, festa da família!

Aproxima-se o Natal. Mais que uma data, um tempo de graça. Tempo de celebrar a vida, a família, a saúde, a paz e a alegria. Seu verdadeiro significado está na lembrança, na tradição, e é marcado pela alegria. Sem a ternura dessa recordação toda comemoração perde seu valor para tornar-se mera celebração material.

A poucos dias dessa data cristã, é bom se lembrar da importância que Deus quis dar à família. Em seu plano de amor, para realizar a nossa salvação, Ele enviou seu Filho único ao mundo através de uma família humilde. O menino que nasceu de Maria é a expressão humana do amor de Deus para cada ser humano. Sua presença durante tantos anos naquela família conferiu dignidade a essa instituição, tornando-a sagrada. Ao contrário do que muitos pensam, a família não é uma instituição humana constituída por um homem e uma mulher que se unem para viverem juntos, mas, acima de tudo, uma instituição divina, pensada e desejada pelo próprio Deus criador. Natal, é, portanto, família. Nela tudo se une: passado e futuro, o divino e o humano.

Apesar das expressões familiares mudarem com o tempo, a família permanece. Devemos, a todo o momento, valorizar a família e lutar contra toda e qualquer tendência que queira diminuir o seu

valor ou considerá-la inadequada para os tempos modernos. Atualmente, a sociedade impõe à família uma sobrecarga de compromissos aceitos como normais, visando sempre ao acúmulo cada vez maior de bens, como se esta fosse a meta mais importante para a felicidade humana. Essa inversão de valores disseminados entre a sociedade enfraquece os laços familiares. Hoje, mais do que nunca, devemos nos empenhar em reforçar sua união, proporcionando-lhe dignidade.

Que, ao celebrarmos este Natal, possamos experimentar em nossa família a presença do Jesus Menino. Aproveitemos todos os momentos de convivência com os familiares, exercitando a compreensão, o perdão e a fraternidade para com todos. Perdoemos aos que nos ofenderam e prossigamos alegres, confiantes de que Ele vai conduzir os nossos passos nos caminhos da paz. Se todos os cristãos procurassem viver a mensagem de Cristo, a luz de sua estrela guia iluminaria a escuridão do fanatismo, da intolerância e do sectarismo, das vaidades pessoais e do desamor. Ele, o Menino, veio para nos ensinar o amor. É preciso que sua mensagem seja diariamente decodificada, introjetada e vivida.

O Natal é luz e esperança. Lembremos da Família de Nazaré renovada em cada família da terra.



## Imagem - Memória

Fotos arquivo Pro-Memória



## O universo mágico do Natal

Quando o Natal se aproxima, com frequência nos vêm à lembrança outros natais. A grande maioria das pessoas associa as festas natalinas a momentos felizes e se transportam, num exercício de memória, a um Natal não muito distante, um dos mais belos por ela vivido.

Independentemente de tudo, as pessoas admiram o Natal. É verdade que traz nostalgia, mas traz também, sem dúvida, à memória e ao coração os melhores momentos da infância.

O Natal para muitos é sinônimo de férias, comidas gostosas, brincadeiras, confraternização com amigos e família... Cada grupo familiar tem sua maneira particular de celebrar o Natal. Muitos se preparam para esse dia decorando a casa com luzes e enfeites. O presépio ou mesmo uma lapinha não podem ser esquecidos, afinal, o Natal é uma festa religiosa. A ideia é embelezar e proporcionar um visual agradável que lembre a chegada da “noite feliz”... Nas semanas que o precedem, as pessoas planejam, sonham e organizam os presentes a serem trocados na “grande noite”. O espírito natalino é generoso. As pessoas se esforçam e parecem ficar melhores. Na verdade, a chegada do Natal remete a momentos que ficaram eternizados na memória. Essas lembranças passadas e carregadas de emoção influenciam a forma como percebemos e vivemos o Natal presente. Nossa memó-

ria é refém de alegrias intensas ou de uma grande frustração. Devemos não limitar o Natal a um presente. Ao contrário, enriquecer esse momento com afeto e troca de carinho, com muita conversa e conexão com amigos e familiares. Recordar antigos e bons natais é revivê-los e os piquetenses têm guardados na memória natais inesquecíveis, proporcionados pela FPV nas décadas de 1960 e 1970. Naqueles natais não apenas as crianças puderam usufruir de momentos mágicos, mas também os adultos, que voltaram a ser crianças, participando daquele universo de encantamento.

Ao longo dos anos, nos natais, a Fábrica distribuía brinquedos aos filhos dos operários. Eram presentes simples, mas ansiosamente aguardados pelas crianças. Temos registros de entrega de presentes no antigo contingente da FPV, no campo do Estrela, no Jardim da Infância... No ano de 1965, durante a administração do general Adhemar Pinto, a metodologia de presentear os funcionários e familiares foi mudada. Optou-se por fazer uma grande festa de confraternização na Praça Duque de Caxias. Formou-se uma equipe de fantásticos funcionários – desenhistas, marceneiros, pintores, eletricitistas etc – que transformaram a Pracinha num mundo de sonhos. A imaginação desses artífices viajou pelo universo infantil, de maneira que personagens de um mundo de contos de fadas

a decoraram, transformando-a em um cartão de natal. Uma imensa árvore com cerca de 12m de altura foi instalada no centro da praça, próxima a um presépio. Sinos, guirlandas, bonecos de neve, papais noéis com seus trenós, bolas multicoloridas e muitas luzes... Foi um sucesso!

No ano seguinte, 1966, quando da morte de Walt Disney, a Pracinha foi invadida por seus personagens. Em 1967, foi a vez do universo mágico de Monteiro Lobato. E assim foi até meados da década de 1970...

Em todos esses anos, logo nos primeiros dias de dezembro a equipe de trabalho iniciava a decoração da Praça Duque de Caxias, o que já atraía visitantes, curiosos para descobrir o tema daquele ano.

O dia 25 de dezembro era todo dedicado às crianças. As famílias se confraternizavam e as crianças esbaldavam-se em barracas de sorvete, pipoca e refrigerante, servidos à vontade. Todos os anos um grandioso parque de diversão instalado atrás do cinema, aparelhado com roda gigante, chapéu mexicano, barco viking, aviões, carrinhos e outros brinquedos, além do trem fantasma e sala de espelhos. No Elefante Branco, valiosos prêmios eram sorteados – eram tantos, que quase todos saíam premiados! No Cine Estrela, sessão corrida de desenhos animados, com entrada franca. Um dia intenso dedicado à criança, que era atendida em todos os seus sonhos.



## GENTE DA CIDADE

### Judith Uchoas

Nascida na Fazenda Passa Quatro, no Bairro dos Marins, em 23 de julho de 1933, Judith Uchoas dos Santos Oliveira é a mais velha dos seis filhos de Manoel Ribeiro dos Santos Filho e Josefina Lobato Uchoas. Quando contava cerca de ano e meio, o pai, a convite do compadre Heitor Vilela adquiriu de José Vilela, a fazenda Santa Terezinha, no atual bairro do Santo Antônio (Bambuzinho), para onde a família se mudou. Judith conta que a fazenda era cortada pelo Caminho de Minas, e que, durante a infância, assistiu à passagem de inúmeras tropas de mulas, que desciam a serra se dirigindo ao rancho de Maria da Silva, localizado onde hoje é a Vila Célia. Os cargueiros traziam doces, rapadura, marmelo, pera, frango, queijo, leiteão, e voltavam com arroz e açúcar refinado da venda do Serafim Machado e da Fábrica, que tinha um grande armazém. A chegada das tropas era uma festa, a mulherada corria para comprar produtos mineiros.

Pouco pra baixo da fazenda havia uma escolinha. Lá Judith cursou o primeiro e o segundo anos do primário. Foram suas professoras as irmãs Aparecida e Alice. O terceiro e quarto anos fez no Grupo Escolar Antônio João, tendo sido aluna das mestras Blandina e Palma Ferrari. A fazenda era autossuficiente – produzia de tudo: havia um imenso arrozal, cuja produção era beneficiada em Lorena. Era grande produtora de leite, levado diariamente para a Cooperativa de Laticínios. Criavam-se muitos animais e produzia-se, ainda, fubá e quirera. Recorda-se de que, quando da abertura da rodovia Lorena x Itajubá, a professora Aparecida Oliveira levou os alunos para conhecer os “arigós”, como eram chamados os trabalhadores que abriram a estrada com picaretas e carroças. A professora disse: “Vocês estão conhecendo a estrada que o presidente Dutra mandou construir”.

Após o curso primário, matriculou-se no Ginásio da FPV, estabelecimento ao qual teve os maiores elogios: “Os professores eram inigualáveis, compromissados com o ensino e com a formação integral dos alunos”. Cita, com reverência, os professores Lutgardes de Oliveira, Laércio Azevedo, Osiris de Araújo, Carmélia Bittencourt, Miguel Médice, José Geraldo Evangelista. Depois de concluir o ginásio, foi convidada pelo professor Lutgardes para ser monitora de Educação Física. “Sempre gostei de esportes e de cantar”, destaca. Nesse período, conheceu o soldado José Duarte



de Oliveira, do Contingente da FPV, que ficava próximo ao Ginásio. Após breve namoro, casaram-se em 28 de julho de 1951. Tiveram dez filhos. José Duarte trabalhava na Fábrica e construiu uma casa no portão da Limeira. De lá, em 1957, retornou para a fazenda do pai, onde vive até hoje.

Judith sempre colaborou com o orçamento da família: costurava, cultivava a terra e cuidava dos animais. “Quando jovem, era medrosa; tinha medo de tudo, até de trovão, mas a vida me tornou uma mulher de fibra, corajosa e trabalhadeira”, afirma. Reforça a importância do estudo e da educação. “Sinto-me privilegiada de ter recebido nos bancos escolares uma formação cidadã”. Lembra-se de, diariamente, hastear a bandeira e cantar o hino nacional na escola” e observa que, atualmente, falta senso cívico. “Ordem e Progresso” é a frase que gosta de citar e dizer que todos deveriam seguir. Outra frase – a de que mais gosta – é atribuída a John Kenedy: “Não pergunte o que o país pode fazer por você, mas o que você pode fazer pelo país”, que cita em Inglês. Afirma que os momentos difíceis por que passa o país são consequência da falta de homens honestos, transparentes, íntegros e corajosos: “Só pessoas desse naipe conseguirão acabar com a corrupção e o atraso na saúde e na educação”.

Viúva desde 2005, passa os dias cuidando da casa, das flores, da horta e do pomar. É mulher da terra e do trabalho. Lê muito, gosta de escrever. Cita várias personagens e passagens da História e termina recordando uma poesia da infância, intitulada “Na Manjedoura”: Nossa Senhora, na beira do rio, lavava os paninhos do seu benito filho. Nossa Senhora lavava e São José estendia. O Menino chorava com o frio que fazia. Não chores, meu filho, não chores, meu amor! A faca que corta dá golpe sem dor. Os filhos dos ricos em berços dourados e vós, meu Menino, em palha deitado”.



## Educação Brasileira: nada é tão ruim que não possa piorar!

Laura Chaves

O Programme for International Student Assessment - PISA - é o mais importante exame educacional do mundo. Aplicado a cada três anos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), busca aferir a qualidade, equidade e eficiência dos sistemas escolares de 72 países em leitura, matemática e ciências.

Os resultados do Pisa 2015, divulgados no dia 06 de dezembro, mostraram mais uma vez o Brasil nas últimas posições do ranking. Em ciências ficou em 63º, em matemática 65º e em leitura 59º. Nossa posição anterior era de 59º, 58º e 55º, respectivamente. Como se pode perceber, o que era ruim ficou ainda pior.

Para além da classificação, os dados revelam que menos da metade dos estudantes brasileiros domina o que é considerado básico nas três disciplinas avaliadas. Básico! Ou seja, nossos estudantes não conseguem compreender um texto de jornal, não relacionam informações simples, não sabem calcular a área de um quadrado e também não sabem a função de um neurônio.

Segundo o exame, o nível 2 da prova é considerado um resultado adequado. Pois bem, dos estudantes brasileiros, 44,1% obtiveram desempenho abaixo do nível 2. Cerca de 56% pontuaram abaixo do nível 2 em ciências e metade dos alunos ficaram abaixo do adequado em leitura. Em matemática, o resultado mais crítico revela que 70,25% estão abaixo do esperado.

O que fazer? Há muita coisa a ser feita, mas, para início de conversa, é preciso abandonar as crenças e discursos ideológicos da pedagogia e assumir a educação como ciência, assim como sugere o físico alemão Andreas Schleicher, coordenador do PISA. Isso significa dizer que as políticas educacionais, currículos e formação de professores devem ser definidos a partir de evidências científicas e não por meio de achismos e modismos.

## O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

### Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

### Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

### Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

### Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos  
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.



## Dez medidas para o presente, alguns séculos de volta ao passado

Há séculos a humanidade, através do esforço intelectual de juristas, filósofos e homens de coragem, vem tentando tornar concretas as barreiras contra o arbítrio e a barbárie. Não é fácil elevar a liberdade ao nível de um princípio moral inegociável. Esse princípio, ao longo da História, tem passado por poucos momentos de conquistas e estabilidade, sendo sempre alvo de destruição, diminuição e esquecimento. Isso não é diferente no Brasil, país que, infelizmente, tem uma tradição antidemocrática persistente mesmo em tempos que vigoram Constituições compromissadas com a contenção da violência estatal, como é o caso da atual, a chamada Constituição Cidadã.

Desde os anos 90 o legislador brasileiro vem optando por enrijecer as leis penais. Dois dos principais exemplos dessa política criminal são as leis 8.072/90 (Crimes hediondos) e 11.343/06 (que institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas). O resultado disso é evidente, e muito contrário ao discurso de que as leis brasileiras são brandas: a população carcerária brasileira, atualmente, está contabilizada em 662 mil pessoas recolhidas pelo sistema (contando aqueles em regime aberto, chega a mais de 700 mil), quarto lugar no ranking mundial, e sem perspectivas de melhora. Outra consequência desse processo, menos evidente e também menos discutida, é o esquecimento da Constituição, já que a (fantasiosa) ânsia por leis penais garantidoras da ordem reduz a compreensão do Ordenamento Jurídico brasileiro somente ao Código Penal e às leis esparsas: o campo da política criminal está separado da Constituição por um muro chamado de “Demagogia”, ou “Imediatismo”.

Feitas essas observações, passamos a tecer críticas à mais recente síntese dos dois parágrafos acima: as 10 medidas contra a corrupção, encabeçadas pelo Ministério Público Federal. Serão abordadas duas das dez medidas, as quais, acreditamos, já nos bastam para traçar o tom desse pacote: a sanha de punição que agudiza problemas e não oferece soluções. Portanto, analisaremos aqui 1) a tentativa de restringir o *Habeas Corpus* (já retirada durante o trâmite do PL na Câmara) e 2) os “Ajustes” nas nulidades penais.

A justificativa dada para a redução da existência do *Habeas Corpus* inicia da seguinte maneira: “*O principal gargalo para a eficiência da justiça criminal e o enfrentamento à corrupção é o anacrônico sistema recursal brasileiro*”.

O resto do texto faz constante apologia à “celeridade processual”, com ênfase no processo penal, matéria responsável pelos julgamentos criminais.

Como exemplo, vejamos esse trecho:

“*Passados mais de vinte anos desde a promulgação da Constituição de 1988, urge sedimentar políticas legislativas que promovam a celeridade processual e coíbam o uso abusivo de recursos, de forma que, preservados os direitos e as garantias individuais, seja também assegurada ao jurisdicionado a garantia de “razoável duração do processo”, na feliz expressão da Emenda Constitucional nº 45/2004. Se, por um lado, não é possível admitir a violação do direito de defesa no processo sumário, tampouco se pode tolerar a morosidade da*

*prestação jurisdicional*”.

Obviamente que a demora desproporcional no processo penal é inaceitável, principalmente porque está em jogo a liberdade de um indivíduo. É necessário, porém, estabelecer que o tempo no processo penal é diferenciado, isso porque a existência desta matéria processual se deve a uma razão bem simples: o processo penal existe como garantia à defesa, essa é a sua razão de ser. Não se pode confundir a garantia do devi-

*“Como bem sabe a ciência política, os agentes atuam sob a influência de incentivos e desincentivos. Um bom caminho para o combate à corrupção começa por incidirmos sobre a dinâmica das eleições e dos partidos – instituições que dão forma à política brasileira – coibindo a influência do dinheiro e fortalecendo os partidos programáticos”.*

do processo legal com impunidade ou, como muitos dizem, com “abolicionismo penal”. A garantia do devido processo não existe para contradizer a punição. Ela é, na verdade, a própria legitimadora da pena. É inadmissível esse atropelamento do tempo processual pretendido pelas 10 Medidas. Sobre isso, são necessários os comentários do advogado criminalista Aury Lopes Jr. acerca do inevitável Estado de exceção que decorre desse tipo de aceleração: “*Nesse cenário, juízes são pressionados para decidirem “rápido” e as comissões de reforma, para criarem procedimentos mais “acelerados”, esquecendo-se de que o tempo do direito sempre será outro, por uma questão de garantia. A aceleração deve ocorrer, mas em outras esferas. Não podemos sacrificar a necessária maturação, reflexão e tranquilidade do ato de julgar; tão importante na esfera penal. Tampouco acelerar a ponto de atropelar os direitos e garantias fundamentais do acusado. Em última análise, o processo nasce para demorar (racionalmente, é claro), como garantia contra julgamentos imediatos, precipitados e no calor da emoção*”.

Resumindo: a função histórico-constitucional do *Habeas Corpus* seria jogada totalmente no lixo, passando, basicamente, a servir exclusivamente às prisões ilegais, como se essas fossem as únicas causas de restrição ilegal da liberdade de um indivíduo. O *Habeas Corpus* é uma garantia constitucional direcionada ao impedimento de **qualquer**, frisamos, **qualquer** constrição ilegal à liberdade individual. A legislação infraconstitucional não pode restringir ou suspender garantia constitucional, algo óbvio a qualquer estudante de Direito, seja qual for o seu ano de graduação.

Quanto ao outro ponto, os “Ajustes” nas nulidades penais, tomemos o item 7 da proposta:

“*Nesse caso, são feitas pequenas alterações nos arts. 563 a 573, com cinco objetivos: 1) ampliar as preclusões de alegações de nulidades; 2) condicionar a supe-*

*ração de preclusões à interrupção da prescrição a partir do momento em que a parte deveria ter alegado o defeito e se omitiu; 3) estabelecer o aproveitamento máximo dos atos processuais como dever do juiz e das partes; 4) estabelecer a necessidade de demonstração pelas partes do prejuízo gerado por um defeito processual, à luz de circunstâncias concretas; e 5) acabar com a prescrição com base na pena aplicada em concreto, evitando a insegurança jurídica em relação à pretensão punitiva estatal.*

Além disso, sugere-se a inserção de dois novos parágrafos no art. 157, para introduzir a ponderação dos direitos e interesses em jogo na avaliação da exclusão da prova, o que está em harmonia com a legislação de diversos países democráticos, inclusive a norte-americana, de onde foi importada a regra da exclusão da prova ilícita e da prova derivada da prova ilícita”.

Deve ser consenso que o Estado não pode ter tempo ilimitado para punir uma pessoa. Outro consenso óbvio é o de que o Estado, como detentor do poder punitivo, é quem deve se responsabilizar pela acusação, pela condução do processo e, por fim, pela aplicação da pena. O item 2 é absurdo justamente por colocar sob responsabilidade do réu, que de início já ocupa uma posição de fragilidade na relação processual, a observância das nulidades no processo penal, inclusive as absolutas, que significam maior agressão à legalidade, sendo que o real responsável por essa “missão” é o juiz.

Por fim, não podemos perder de vista o contexto no qual se produz o pacote anticorrupção do MP. Turbinado pelos constantes escândalos de corrupção, o debate político brasileiro reduziu-se a pó. Ou melhor, as diferenças entre os projetos políticos foram substituídas por uma dualidade pobre e superficial entre corruptos e não-corruptos. Essas dez medidas se inserem justamente nessa disputa: Esses membros do Judiciário, inflados pelo fantasioso heroísmo de quem adota o lado do “bem” na política – como se a política fosse mero maniqueísmo –, estão, na verdade, agravando problemas em vez de oferecer soluções. Conforme demonstrado aqui, o enrijecimento da lei penal tornará ainda mais agudo o problema do encarceramento brasileiro e, por tabela, não resolverá os problemas relacionados à corrupção política. Como bem sabe a ciência política, os agentes atuam sob a influência de incentivos e desincentivos. Um bom caminho para o combate à corrupção começa por incidirmos sobre a dinâmica das eleições e dos partidos – instituições que dão forma à política brasileira – coibindo a influência do dinheiro e fortalecendo os partidos programáticos. Sabemos, por anos de História, que o endurecimento das punições não coibirá, na média, os desvios dos agentes. Ou optamos pela razoabilidade que esse tema nos pede, ou nossa Justiça será engolida pelos ódios e rancores que nossa crise social inflamou.

**Rafael Domingues de Lima, mestrando em Ciência Política e Bacharel em Ciências Sociais pela USP**

**Raphael Quinhones, advogado e Bacharel em Direito pela Unisal**



## “Ide e Pregai” – de como a Boa Notícia renovou o elo entre o Criador e suas criaturas

A semente da Boa Notícia foi abrigada em dois cofres, dois ventres insólitos – o da idosa Isabel, esposa de Zacarias, e o da virgem Maria de Nazaré, noiva de José.

De Isabel nasceu João, o Precursor, o maior homem nascido de mulher. De Maria, seis meses depois, nasceu Jesus, o Salvador, filho único de Deus.

Quando se encontram por vez primeira, ainda no ventre das mães, os dois meninos se reconheceram.

Isabel cumprimenta Maria pelo privilégio. E Maria solta a voz no mais belo canto que a Terra já ouviu:

“Minha alma engrandece o Senhor,

Exulta meu espírito em Deus meu Salvador.

Ele olhou a humildade de Sua serva  
Doravante toda a Terra cantará meus louvores”.

No Presépio de Belém, todos os elementos saudaram o Menino Deus: a terra, a água, a pedra, a palha. Os animais da gruta saúdam o Menino na presença de José e de Maria. Os recolhidos pelos pastores fazem coro ao hino interpretado pelos anjos: Glória a Deus, Paz aos Homens.

Guiados pela estrela, chegam de longe os sábios para prestar homenagem.

Os que hoje chamaríamos de leigos se posicionaram bem diante da Boa Notícia, excetuando a desconfiança de Herodes.

E a Religião? Na cerimônia da Apresentação, Simeão e Ana exultam e rememoram os textos dos Profetas.

Doze anos. O Menino, sentado diante dos Doutores da Lei, faz perguntas instigantes. Todos respondem com voz entrecortada, prestando mais atenção ao Menino do que aos temas sobre os quais discorriam.

Maria e José chegam espavoridos. Arrancam o Menino da assembleia e o levam para casa.

Instruído pela família e pelas luzes do Céu, João se preparava para o momento em que a Boa Notícia se propagaria em plenitude.

No deserto, chamava os homens à penitência e batizava.

O Menino agora é o Mestre Jesus. Escolhe os que vão passar a Boa Notícia. Ensinava e realiza milagres.

João é cauteloso: “– És tu o que há de vir ou devemos esperar por outro?”.

Jesus vai ao Jordão para ser batizado. Registra-se aí uma manifestação do Céu.

João condena o comportamento de Herodes. É preso e decapitado.

No episódio do Tabor, os apóstolos que estão com Jesus têm a confirmação de que Ele é realmente o Filho de Deus.

O Filho foi obediente ao Pai. Aceitou o último sacrifício cruento segundo a Antiga Lei. Tornou-se Cordeiro Imolado.

Na última ceia com os apóstolos, transformara em incruento o sacrifício ofertado ao Pai – sob as espécies de pão e vinho, o sacerdote ofertaria o Corpo e o Sangue do Filho de Deus.

É, então, proclamado o Novo Mandamento, a essência da Boa Notícia;

“Que vos ameis uns aos outros, Assim como Eu vos amei!”.

Em todos os tempos, em todos os lugares, os versos constituem o mais valioso tema, da mais valiosa peça da oratória sacra – o Sermão do Mandato.

Acusado de blasfêmia e incitação do povo, a covardia dos governantes e dos religiosos leva o Mestre à morte na Cruz.

Ressuscitado, Jesus mostra-se aos apóstolos e volta ao Pai. É então que a Boa Notícia é levada com força a todos os povos.

Os doze, Matias no lugar do Iscariotes, são atingidos pela efusão do Espírito Santo. À doutrina que haviam aprendido com Jesus se juntam a força e a coragem e um instrumento poderoso: a língua.

Os apóstolos pertenciam a um povo apagado à escrita – era um povo que se debruçava sobre as escrituras.

Mateus, João, Pedro e Tiago assumem a tarefa.

Homens equilibrados como João Marcos e Lucas, que bebiam os ensinamentos da boca dos apóstolos, se esforçavam para que nenhuma palavra se perdesse.

A estes se juntou o grande apaixonado Saulo de Tarso, que se disse Paulo, o menor dos discípulos do Senhor.

Quando, na Terra, alguém repete o que disse Paulo sobre a Caridade, resumo feliz da Boa Notícia, todos, no Céu, dizem: Amém!

*Abigayl Lea da Silva*

## É Natal, tempo de Reis!

Comemorado no dia 25 de dezembro, o Natal lembra o nascimento de um menino – Jesus Cristo. No entanto, nem as Sagradas Escrituras nem a História relacionam a data com o acontecimento. Foi a partir do Papa Júlio I, no século IV, que determinou este dia como a data de nascimento de Jesus. Aos poucos, a data tradicionalmente foi se consagrando. A festa natalina enraizou-se com o tempo.

Em 1220, graças a São Francisco de Assis, surgiu o presépio, humanizando ainda mais o nascimento do Menino. E a árvore-de-natal, embora só surgisse na Alemanha no início do século XIX, conseguiu dar à festa natalina ambiente mais profundamente familiar. De certo modo, os festejos natalinos transcenderam ao aspecto meramente religioso, e o Natal, como símbolo de esperanças renovadas, passou a representar o eterno anseio do homem, em constante busca da Paz, Amor e Alegria.

É quase impossível alguém ficar à mar-

gem do Natal. As canções, a alegria das crianças, o colorido das ruas e o sentimento de confraternização e congraçamento contagiam a todos.

No Brasil, além do seu caráter religioso, o Natal assumiu, também, características de festa popular. Em várias regiões do país, o Natal dá origem ao verdadeiro ciclo de bailados e autos tradicionais. Até o dia de Reis, a 6 de janeiro, principalmente nas áreas onde a tradição se mantém mais viva, podem ser vistos o bumba-meu-boi, cheganças, marujadas, congadas, reisados, pastoris e outros festejos que dão ao Natal o genuíno caráter popular, humanizando-o, em comparação com o seu aproveitamento comercial, que ocorre neste período nas áreas urbanas. Mas mesmo ali mantém-se viva a mensagem da fé, que os homens almejam sempre, aspirando a uma vida melhor, mais justa, mais humana, como fora anunciada pelo Menino Jesus.

\*\*\*\*\*



**Crônicas Pitorescas**

**Nariz, ai meu nariz...**

*Palmyro Masiero*

– Vai sair? – quis saber o coroa pai de uma gatinha de 20 anos.

– Vou... – ouviu econômica resposta.

– Posso saber pra onde?

– Qualé, pai! Já sou dona do meu próprio nariz! – fechou a porta e ponto final no assunto.

Dá pra inferir que “dona do próprio nariz” é aquela pessoa responsável por si mesma, maior, vacinada, portadora de CPF, cartões de crédito, comprovante de que votou e outros etecéteras e tais.

Repararam como ninguém diz ser dono da própria boca, dos próprios olhos, das próprias orelhas? Todos se arvoram em donos, mas só do nasal. E isso provoca conjecturas: somos integralmente donos dele? Através de uma vistoria simplista a situação parece óbvia, pois, afinal, pra onde se vai o cheira-cheira vai colado na cara. Mas, identicamente e por extensão, temos que admitir que os invólucros dos outros sentidos, boca, orelhas, olhos, também vão grudados nas fuças! Cabelos já não se pode dizer o mesmo, pois para alguns eles são efêmeros. Eu que o diga. Como indagávamos, que razões impedem as pessoas de se gabarem de ser donas do restante e se satisfazerem somente como proprietárias do nariz?

Convenhamos que ninguém, ao dormir, retira e coloca as orelhas numa gaveta para descansar com silêncio absoluto; nem sai de casa sem a boca – o que seria muito bom por evitar dizer abobrinhas por aí; e creio que, em nenhuma hipótese, jamais alguém pretendeu guardar os olhos num estojo para deixar de ver algo. Quando muito, retira as lentes. Logicamente, o mesmo acontece com o nariz... Sentiram como é rasteira e barata e afirmativa de que somos donos só do nariz, quando, em verdade, o somos do resto também?

Aí é que pega! Batemos o pé para ser donos do nariz: muito bem, que sejamos. Lançamos a dúvida por trás, se realmente somos senhores dele. Vejamos a situação pelo inverso, ou seja, ser ele o nosso amo.

Estão rindo, hem?! Pois me parece uma propositura certíssima. Por acaso já estiveram em algum banheiro público? O gás liberado pela Chernobyl é pinto ante o que preenche o ambiente. E daí? Decidimos sobre que aroma mandaremos entrar pelos buraquinhos do naso ou ele traz pra dentro o que suga no local? Sem qualquer colher de cheiro amenizador, aspira o que está ali, quer queiramos ou não. Num agrupamento, algum enrustido com a barriga a perigo deixa escapar um pum no silêncio. Consistentemente nem calculamos o que está ocorrendo nos subterrâneos do disfarce, mas ele, o nariz, vai captar as ondas fedoríferas soltas. Quedê nosso domínio e desejo exigentes de sentir somente perfumes agradáveis?

Por esse ângulo, somos dele. Pobre ou rico. Classe média inexistente pra pesquisa na atual situação...

Se o nariz é afilado ou achatado, arbitrado ou adunco, todos se ufanam em ser seus possuidores. Como tudo na vida, o radicalismo pode, às vezes, provocar situações incômodas.

D. Antônia, às três horas da manhã, chama o Praxedes às falas:

– Onde esteve até essas horas da madrugada, seu sem-vergonha?

– Não interessa! Sou dono do meu nariz!

Pela bofetada que levou, ficou sendo proprietário de uma enorme massa disforme, inchada, com dois buracos minando sangue. No que dá. Se não apelasse para a posse do nasal, poderia ter quebrado o galho, falando em dor de ouvido, de dentes, nos olhos e, como consequência, estivesse num pronto-socorro em busca de remédio; até chuva, pneu furado, qualquer coisa, enfim, talvez colasse. Bastou arvorar-se em dono do nariz que, catapimba, dançou.

Pós tese tão clarividente podemos concluir que ele não nos pertence, pois se mete a cheirar o que evolva pelo ar, cheiroso ou fedoroso. Eis a razão de muita gente meter o nariz onde não é chamado.

**Natal é você**

O Natal costuma ser sempre uma ruidosa festa, entretanto, se faz necessário o silêncio para que se consiga ouvir a voz do amor.

Natal é você quando se dispõe, todos os dias, a renascer e deixar que Deus penetre em sua alma.

A estrela guia do Natal é você, quando consegue levar alguém ao encontro do Senhor.

O pinheiro de Natal é você quando, com sua força, resiste aos ventos e às dificuldades da vida.

Você é a decoração do Natal quando as suas virtudes são cores que enfeitam sua vida.

Você é o sino de Natal quando chama, congrega, reúne.

A luz do Natal é você quando com uma vida de bondade, paciência, alegria e generosidade, consegue iluminar o caminho dos outros.

Você é o anjo do Natal quando consegue entoar e cantar a sua mensagem de paz, amor e justiça.

Você será os Reis Magos quando conseguir dar de presente, o melhor de si, indistintamente, a todos.

O presente de Natal é você quando consegue comportar-se como amigo e irmão de qualquer ser humano.

Você é a ceia de Natal quando sacia de pão e esperança qualquer carente ao seu lado.

A música de Natal é você quando consegue também sua harmonia interior.

Você será voto de “Feliz Natal” quando perdoar, restabelecendo de novo a paz, mesmo à custa de seu próprio sacrifício.

Você é a noite de Natal quando consciente, humilde, longe de ruídos e de grandes celebrações, em silêncio recebe o Salvador do Mundo.

*Papa Francisco*



*Estamos chegando ao fim de mais um ano, satisfeitos com as conquistas e fortalecidos pelas dificuldades. Renovamos as esperanças e o desejo de muita luz e prosperidade para o ano que se aproxima. Feliz Natal! Feliz 2017!*

*Esses são os votos da Fundação Christiano Rosa e da equipe do informativo O ESTAFETA.*



**Acesse na internet, leia e divulgue o informativo**

**“O ESTAFETA”**

**[www.issuu.com/oestafeta](http://www.issuu.com/oestafeta)**



## Hallelujah!

Luiz Flávio Rodrigues

Existe um tempo em que se sente o cheiro da terra molhada. Um tempo em que a poeira não está no ar. Nesse tempo o sol brinca de esconde-esconde. Num momento ele está atrás de uma nuvem negra. No outro em algum céu azul. O sol queima profundamente nesses dias. O mato cresce alimentado pela luz profunda e pela chuva copiosa. É um tempo de sombrinhas e capas. Guarda-chuvas e gente molhada. Eu sou doente, pois ouço sempre uma canção no ar quando esse tempo chega. Uma canção de paz e amor. Os cheiros realçam e as visões são mais claras. As pessoas andam apressadas nas ruas e um burburinho de conversa acalorada se escuta em todo o canto. Muita gente sorri ainda que triste. No horizonte sempre se vê arco-íris cruzando os céus nos fins de tarde. E ao longe se vê as cortinas de chuvas cinza e escuras.

É nesse tempo que as pedras criam limo e as mariposas retornam. Os sapos e as rãs cantam ao Senhor da natureza pela fartura de insetos, pela água corrente e pelos lagos que encherão de ovos. Nesse tempo de dádivas, os reservatórios se empanturram e tudo se limpa. Parece que a natureza faz um anúncio de que tudo pode melhorar. Que os dias serão mais quentes e convidativos. E dá aquela vontade imensa de andar na chuva morna e olhar paras as gotas que caem. Há sempre um turbilhão de carros para lá e para cá. Tempo de muitas sacolas e papéis coloridos. Tempo de cartões com pinheiros e bolas brilhantes. E luzes. Muitas luzes. Brancas, multicores e cantantes. Tempo de fechar o ano, de repensar os atos, de chorar e sorrir com amigos. Tempo de sinos, de velas e de corais maravilhosos. E tem os presépios. Sonho de Assis. Tempo de advento, de há de vir, de esperança.

Esse é o tempo de pássaros felizes e de cantoria no amanhecer e ao fim do dia. Sentado em minha sala fico observando os insetos que giram em torno da lâmpada. Hipnotizados pela luz maior, eles se deixam envolver. Penso no que eles pensam em seus cérebros primitivos. Fascinante por certo. Fascinante. Embriagados pela beleza, eles ali ficam até seu fim. Esse tempo de papais noéis é assim. Somos como insetos hipnotizados. Existe uma luz maior que brilha nessa época. A luz que se acendeu para todos nós. Saímos da poeira. Saímos da escuridão. Ficamos inebriados pela luz maior. E, como os bichinhos fascinados, nos quedamos. Sentimos a paz que salta do peito das pessoas. Somo capazes de sentir o amor que circunda o ar. Santa Claus, Nicolau, nos anuncia o presente maior: a esperança. Nesse ano empoeirado pela sujeira do mundo, ela, a esperança, surge grandiosa. Presente de Deus. Ele conosco. Imnú El. Hallelujah!

## Mensagem de Natal

Natal é reserva de paz para ressurgir em meio à febre consumista dos aglomerados urbanos movidos pelas engrenagens industriais e manipulados pelos mercadólogos.

O Natal assoma nos corações pelo símbolo da humanidade, que representa, na família constituída emblematicamente, num Deus que se faz menino e frágil como os outros, numa mãe que se santifica, num Pai que, por ser Deus, é uno ao próprio Menino e ao Espírito que o revelou, e num artesão que o aceitou. Ele tem, portanto, suprema significação.

Na singeleza dos presépios, as modas se reinventam e as culturas se manifestam.

Permanecem os motivos que, ao olhar encantado de uma criança, nos fazem crer.

Dóli de Castro Ferreira

## As festividades natalinas

A comemoração da data do nascimento de Jesus no dia 25 de dezembro não obedece a nenhuma indicação precisa contida nos Evangelhos. Quando o Papa Júlio I, no século IV, determinou esse dia como a data de nascimento de Jesus, as Igrejas orientais, que festejavam esta data a 6 de janeiro (atual Dia dos Reis), levaram algum tempo para se submeter à decisão de Roma. Identificavam essa data com a do solstício, consagrada ao Sol, na Roma pagã, sendo que algumas Igrejas, por exemplo a armênia, passaram até a considerar o clero romano como idólatra por ter feito coincidir o dia natalino de Jesus com a festa romana do Sol. Mas a festa natalina enraizou-se com o tempo. Em 1220, graças a São Francisco de Assis, surgiu o presépio, humanizando ainda mais o nascimento do Menino. E a árvore-de-natal, embora tendo surgido na Alemanha somente no início do século XIX, conseguiu dar à festa natalina o ambiente ainda mais familiar.

De certo modo, os festejos natalinos transcenderam o aspecto religioso, e o Natal, como símbolo de esperanças renovadas, passou a representar o eterno anseio do homem em constante busca da paz, do amor e da alegria. No Brasil, além do seu caráter religioso, o Natal assumiu também características de festa popular. Em várias regiões do país, o Natal deu origem ao verdadeiro ciclo de bailados e autos tradicionais. Até o Dia de Reis, a 6 de janeiro, principalmente nas áreas onde a tradição se mantém mais viva, podem ser vistos o bumba-meu-boi, cheganças, marujadas, congadas, reisados, pastoris e outros festejos que dão ao Natal o genuíno caráter popular, humanizando-o, em contraposição com o seu aproveitamento comercial, que ocorre nesse período nas áreas urbanas. Mas mesmo ali se mantém viva a mensagem de fé que os homens almejam sempre, aspirando a uma vida melhor e mais justa, mais humana, como foi anunciada pelo Menino Jesus.



Fotos arquivo Pro-Memória



## Que cara teria o Menino-Deus?

*“Meu bom Jesus Nazareno,  
pela vossa majestade,  
faça que cada pequeno  
que vaga pela cidade  
tenha boa proteção.  
Tenha em vez de uma prisão,  
aquele medonho inferno,  
que revolta e desconsola,  
bom conforto e boa escola,  
um lápis e o caderno”.*

*(Patativa do Assaré)*

O Natal está chegando... Nesse período que o antecede, vivemos uma transformação que, na maioria das vezes, nem percebemos. Tornamo-nos mais alegres, receptivos, caridosos. Que bom seria se fôssemos assim durante todo o ano, não?

O Natal nos comove porque lembra o nascimento do Menino que nasceu e viveu para nos salvar. Ou melhor, nasceu, muito sofreu e morreu para nos salvar... Cabe-nos, portanto, responder: o que fazemos para agradecer pela vida e pela morte do Menino-Deus que se tornou humano e, ainda que justo, foi covardemente condenado e morto?

Esse Menino está em muitos locais hoje,



meus amigos. Ele está no mais necessitado que tem fome e frio... É no trabalhador que respira o ar viciado de minas de carvão... É no cidadão que mendiga tratamento em hospitais públicos sucateados... É no velho que sofre calado, abandonado que foi pela família... É no garoto que brinca nos lixões enquanto os pais lá trabalham... É no pequeno que definha na seca do Nordeste ou na Áfri-

ca susbsaariana... O Menino são todos esses e muitos outros pelos quais passamos sem nos dar conta...

Se no Natal participamos de campanhas diversas para amenizar a dor e o sofrimento ou para garantir um momento de felicidade, por que não o fazemos o ano todo? A caridade é mágica, meus caros! A caridade nos faz bem! A caridade é droga – vicia! A caridade, porém, tem que ser praticada com compaixão. É preciso que nos coloquemos no lugar do outro, que partilhemos, que saibamos viver a comunhão. Só assim vamos sentir o prazer pleno do amor ao próximo – a tônica da mensagem que nos deixou o Menino com sua trajetória.

Viver o Natal é viver a compaixão. O Menino nasceu porque se compadeceu de nós e viu-se obrigado a vestir a carne com a finalidade única de nos salvar.

Portanto, amigos, aproveitemos o Natal. Deixemo-nos comover, mas celebremos a vida e pratiquemos a compaixão o ano todo. Assim teremos um Natal particular perene, a cada gesto de amor, de doação... Somente assim seremos dignos de descobrir qual é a cara do Menino-Deus.

*Laurentino Gonçalves Dias Jr.*

## O mundo tornou-se o templo de Deus

“Ai, numa noite de Natal oi rá rá... Ai, uma estrela “esplandeceu” oi rá rá... Ai, justamente foi a hora, oi rá rá... Ai, que o Rei da Glória Nasceu, oi rá rá... Ai, cantou o galo anunciando, oi rá rá... Ai, a vaca também berrou, oi rá rá... Ai, respondeu o carneirinho, oi rá rá... Ai, Cristo nasceu em Belém, oi rá rá...” Passavam pela estrada empoeirada os foliões de Santos Reis a cantar.

Nos versos da folia podemos ouvir, cantarolado pelo povo da roça, o Anúncio do Nascimento do Messias. No Evangelho, segundo os foliões, toda a criação reage à encarnação do Verbo Divino. No céu a Estrela representa os astros, aqui os animaizinhos representam todos os viventes. Toda a Criação está em festa, Deus se fez criatura.

O mundo tornou-se o templo sagrado de Deus, ele não mais habita longe de nós, num lugar inatingível, está na gruta de Belém, tem mãe e pai, repousa em palhas numa manjedoura, está em paz junto aos animaizinhos, como viveram nossos primeiros pais no paraíso.

“Glória a Deus nos mais altos dos Céus, paz na terra aos homens de boa vontade” ouviram os pastores dos anjos que surgiram diante deles. Ali, na estrebaria, há uma nova cosmologia, uma nova ordem para o universo. Deus está na criação. O que antes era profano torna-se sagrado, a terra torna-se, por um momento, mais importante que o Céu, a pequenez mais eloquente que a grandeza, a fragilidade mais atraente que o poder.

“Ai, pra visitar o Deus menino, oi rá rá... Ai, os Magos do Oriente, oi rá rá... Ai, com amor e muita fé, oi rá rá... Ai, cada um com seu presente, oi rá rá...” Seguiam a cantar, os foliões.

Em Belém os povos se encontram, todos querem ver o menino. É encantador que Deus tenha-se feito tão próximo de nós. Ele nos mostrou que é possível se aproximar, superar as distâncias, encontrar e se deixar encontrar. Deus veio até nós, os Magos foram até

Ele. A gruta é um lugar de encontro, de superação das barreiras que dividem.

“Ai, o clarão da Estrela Guia, oi rá rá... Ai, que foi a divina luz, oi rá rá... Ai, que guiou os três Reis Magos, oi rá rá... Ai, ao presépio de Jesus, oi rá rá...”

A estrela é a graça de Deus que brilha no interior de cada um de nós, que nos leva ao presépio, ao encontro de Jesus, Maria e José; ao encontro com animaizinhos, com os rudes pastores, com os Magos estrangeiros e pagãos; ao encontro com os anjos celestiais. A Estrela Guia nos conduz à generosa abertura ao outro, ao congraçamento com a família humana, à fraternidade com os outros seres viventes, ao encontro do Divino presente na Criação.

“Ai, Deus lhe pague pela oferta, oi rá rá... Ai, vais ver com alegria, oi rá rá... Ai, os divinos Santos Reis, oi rá rá... Ai, São José e a virgem Maria, oi rá rá... Ai, Há de ser nossa Guia, oi rá rá...”

Deus Menino abençoe os foliões e a todos nós nas empoeiradas estradas que haveremos de percorrer!!! Um Santo Natal a todos!!

*Pe. Fabrício Beckmann*

